

EDIÇÃO 81

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
30 DE NOVEMBRO DE 2022





Sumário

Editorial

3 *Claudia Zortea*

Poema

5 **Batom Carmim**
Fátima Ferreira

Carta à escritora

6 **Carta para a escritora Djaimilia Pereira de Almeida**
Rute Lages Gonçalves

Conto

8 **O culto**
Rayssa Duarte Marques Cabral

Resenha

10 **A Autoria Feminina nas Coletâneas Literárias: Vivências-Sonhos Metaforizados em Poesia**
Jocineide Catarina Maciel de Souza

Crônica

12 **Myrian Fraga e a Rainha Vasthi**
Raquel Naveira

Ensaio

14 **O Pessoal e o Coletivo em "A Gorda", de Isabela Figueiredo**
Claudia Zortea

Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

Artista Visual Homenageada: Silvana Garzaro.

Colaboradores: Fátima Ferreira, Rute Lages Gonçalves, Rayssa Duarte Marques Cabral, Jocineide Catarina Maciel de Souza, Raquel Naveira e Claudia Zortea.

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2023

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2023. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Editorial

No mês em que o Prêmio Jabuti de melhor romance literário é entregue à escritora Micheliny Verunsch, pela obra **O som do rugido da onça**, a escrita feita pela mulher e sobre a mulher dá o tom desta belíssima edição do **Suplemento Literário Nódoa no Brim**.

Em consonância com o texto escrito estão as fotografias de Silvana Garzaro, que desenvolve, desde 2014, o Projeto Campo de Flores, que tem como foco discutir, por meio da fotografia, a invisibilidade da mulher madura. "Em 2012, conversando com uma amiga, num evento, e eu tinha me separado há algum tempo, me sentindo solitária, eu não estava entendendo o que estava acontecendo comigo, foi então que uma senhora de mais ou menos uns 70 anos me abordou "estou ouvindo sua conversa, desculpa, mais quantos anos você tem?" Quando eu respondi que eu tinha 41 anos, ela me disse: "se prepare para ficar invisível", e foi embora." Há poesia neste projeto, desde o nome, inspirado no poema "Campo de Flores", de Carlos Drummond de Andrade, até as profusas imagens das mulheres que ajudam a dar vivacidade a este Projeto.

Os textos desta edição vão apresentar mulheres, no plural, e dialogam com as várias conquistas feitas por elas, inclusive o espaço no campo da escrita literária. Fátima Ferreira, em *Batom Carmin* traz em versos a mulher impactada pelas vivências, "uma mulher dilacerada de motivos/ rompe o silêncio, omissão passiva".

A carta desta edição é dirigida à escritora de literatura de língua portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida e assinada pela pesquisadora das narrativas de mulheres negras e de narrativas afro-portuguesas Rute Lages Gonçalves. Na carta, Rute conta para Djaimilia que passou o período de pandemia lendo seus livros e expressa o quanto esse momento foi importante: "cresci, confrontei a mim mesma, e ao findar o teu livro, além de concluir minha dissertação, percebi que não era mais a mesma." Além de relatar essa experiência, a autora da carta menciona duas obras de Djaimilia: **Esse Cabelo**, romance primogênito e **Luanda, Lisboa, Paraíso**, de 2018. Sobre este último: "Que lindo como tu escreves, obrigada por se fazer presente, eu posso ouvir sua voz através das personagens, Cartola, Aquiles e Glória, quanta sensibilidade."

No Conto *O culto*, de Rayssa Duarte Cabral,

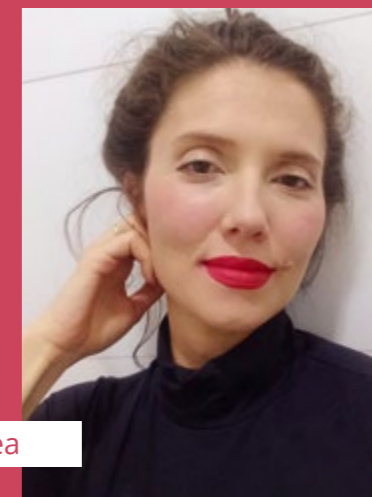
evidencia-se o peso social que a mulher carrega. Com narrador em terceira pessoa, o conto capta um breve momento da personagem principal vivendo a angústia pertencente ao universo feminino.

Jocineide Catarina Maciel de Souza assina a resenha sobre o recém lançado livro **I Tomo das bruxas: Do Ventre a Vida**, terceira obra da Trilogia Enluaradas, fruto do Projeto Enluaradas. A resenha apresenta com entusiasmo a coletânea de poesias escritas por mulheres, organizada por Patrícia Cacau e Marta Cortezão. Sobre a primeira das três partes da obra, Jocineide afirma que: "o leitor poderá encontrar diversos eus-poemáticos que se embrenham na perspectiva histórica sobre o lugar que a mulher ocupou/ ocupa ao longo da história da humanidade". A resenha trata das demais partes do livro e destaca a participação da escritora Elizabete de Nascimento.

A crônica é assinada pela querida e sempre presente Raquel Naveira. *Myrian Fraga e a Rainha Vasthi* apresenta o último livro de **MYRIAN FRAGA** publicado em vida, intitulado **Rainha Vasthi**, "Vasthi, a bela rainha que desafiou seu marido bêbado, o rei Ashuero ou Xerxes. Vasthi, a joia mais preciosa do império persa, a senhora do seu destino, a rainha das palavras degoladas." Sobre o livro, Raquel Naveira diz que "Myrian Fraga desperta séculos de esfinges que dormem no sangue de todas as mulheres.

Finaliza esta edição um ensaio sobre o romance contemporâneo **A gorda**, de Isabela Figueiredo. O ensaio vai permear a obra a fim de verificar a interseção entre o pessoal e o coletivo. "Podemos, ler o romance **A gorda** de duas maneiras: há uma história pessoal (Maria Luísa) e a coletiva (os retornados), mas elas se atravessam. Nesse viés do pessoal, que não é tão pessoal, pois o sofrimento de Luísa é um problema social, a autora trabalha um campo vasto da estereotipia feminina: branca, gorda, gosta de sexo, inteligente."

Boa leitura!



Claudia Zortea

BATOM CARMIM

uma mulher dilacerada no peito
cogita entre zíngaros motivos

cercada por ventos pistoleiros
e no ventre a força da serpente

uma mulher dilacerada de motivos
é fogo forasteiro, mais que mito

cancioneira da fome e do fastio
república do não, seqüela do sim

uma mulher dilacerada de motivos
rompe o cerco, sangra a face oculta

se faz luta contra a maldição reinante
a mentira, o medo, a pista suja

uma mulher dilacerada de motivos
rompe o silêncio, omissão passiva

semente, sanha, incontida, bruta
batom carmim, senha da paixão

e dos cem motivos de uma mulher



Fátima Ferreira

Nasceu em Olinda/PE. Em 1981 lançou dois de seus livros: **Decomposição e Dedetização** e **Dia de Festa**. No Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco – MEIPE, publicou os jornais alternativos, **Americanto** (1981) e **O Cântaro** (1984), com Héctor Pellizzi. No ano de 1992 lançou o livro bilíngue (português e espanhol), **Asas de Sangue**, tradução de Héctor Pellizzi, muito bem recebido pela crítica pernambucana da época, o mesmo ocorrendo com **Colagem dos Gestos** (1985).
cfatimaf@gmail.com



Carta para a escritora Djaimilia Pereira de Almeida



Rute Lages Gonçalves

Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) mestra em teoria literária pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) doutoranda em estudos Literários do PPGEL UNEMAT/ Bolsista Capes. Pesquisadora das narrativas de mulheres negras e de narrativas afro-portuguesas.

ruthlages@hotmail.com

Cáceres-MT, 25 de Outubro Rosa de 2022.

Olá, minha querida Djaimilia, espero encontrá-la em perfeita saúde e em plena felicidade. Primeiramente, quero parabenizá-la pelas obras magníficas que escreveste e dizer que tuas produções me tocaram de uma forma tão profunda e subjetiva como nenhuma outra, talvez porque sejamos parecidas e compartilhemos de ideias comuns sobre o mundo, talvez porque sejamos mulheres e mulheres que buscaram nos livros uma forma de estar no universo e torná-lo melhor não só para nós mesmas, mas também aos nossos pares.

Você, minha querida, está em Lisboa, eu... eu digo que estou no Brasil em algum lugar novo a cada mês, a cada semestre, pois percorro esse país em busca de conhecimento, em busca de sentir a vida e de achar respostas, assim como a Milla, a personagem do seu romance primogênito, *Esse Cabelo*, o responsável por nos conhecermos. Como Milla, eu também estou fragmentada e me questiono a todo instante "Onde me deixei?"

Quero que saibas que passei todo o período da última pandemia a ler e analisar a tua obra primeira, folheando as páginas e lendo as entrelinhas, cresci, confrontei a mim mesma, e ao finalizar o teu livro, além de concluir minha dissertação, percebi que não era mais a mesma. Milla me fez enxergar que algo faltava em mim, mas que essa mesma procura resultava de uma descoberta, a descoberta de que para além da aparência existe mais a ser dito, existe a necessidade de pertencer, uma necessidade que vai ficando mais difícil de sanar ao passar dos anos e acumular de experiências.

Milla trouxe a mim um reflexo e um entendimento de que em algum momento de nossas vidas iremos despertar; a necessidade de encontrar a si mesmo irá aparecer. Minha amiga Djaimilia, te chamo assim, pois os teus livros nos tornaram íntimas, eu entendi que é preciso entender o nosso passado e acolhê-lo, pois ele nos importa, ainda que seja impossível retornar, mas que é importante para nos localizarmos onde estamos hoje e para entendermos o porquê de tudo que nos acontece e tudo que também não nos acontece.

Obrigada pela tua existência, quero dizer a ti que agora comecei a leitura de *Luanda, Lisboa, Paraíso*, a tua segunda criação literária, querida amiga. Que lindo como tu escreves, obrigada por se fazer presente, eu posso ouvir sua voz através das personagens, Cartola, Aquiles e Glória, quanta sensibilidade.

Em breve essas leituras analíticas darão origem à minha tese.

Espero alegrar a ti com estas palavras, quem sabe nos encontremos em Lisboa algum dia, sentar para tomarmos um café e falar sobre nossas amadas personagens.

Saudações e abraços.

Com amor, Rute.

O culto

Joelma, após limpar a casa, resolveu lavar seus cabelos e dedicar-se a hidratá-los. No auge de seus 32 anos, ainda sem filhos, esperava ansiosamente pela gravidez desde o seu casamento, quatorze anos antes.

Se, no início do casamento, quando ainda tinha 18 anos, evitava a gravidez a todo custo, na intenção de poder terminar seu curso de pedagogia com alguma tranquilidade, desde a sua formatura, aos 23, tem tentado, sem sucesso.

Enquanto passava creme em seus cabelos, lembrava do início de seu casamento, de quando ainda não tinham posses, ela e Elivelton, eram mais felizes. Dividiam suas tarefas, iam juntos ao culto, ela cantava na igreja.

Contudo, com o tempo, após começar a lecionar, sua voz começou a falhar e foi diagnosticada com calos nas cordas vocais, apesar de ter se dedicado no tratamento com o otorrinolaringologista e a fonoaudióloga, teve de parar de cantar e de lecionar.

Joelma sentia que sua vida havia perdido a cor, uma vez que perdera a chance de manter-se nas atividades que mais gostava. Em contraste, seu marido ascendeu consideravelmente, tornou-se pastor e, um tempo depois, vereador. As demandas do marido absorviam-no de tal

maneira que Joelma sentia-se cada vez mais sozinha, o que a cada ano parecia ser um problema a ser solucionado de um único jeito, com sua gravidez.

Joelma sempre gostou muito de crianças, ser pedagoga lhe trazia uma satisfação enorme, mas agora, distante das aulas, apenas um filho para chamar de seu poderia preencher. Como não conseguia engravidar, recorreu à medicina. Fez todos os exames, nada poderia explicar a dificuldade de engravidar, a não ser a infertilidade de Elivelton.

Ela sabia que o marido era contra tratamentos de fertilidade e contra adoção, enquanto massageava seus cabelos com creme, agora mais aquecidos, devido à reação dos ativos da composição da máscara, a campanha tocou. Estranho, não esperava ninguém.

Elivelton estava fora, em mais uma reunião do partido, em mais uma atividade da igreja? Ela já nem saberia dizer, com a aproximação das eleições, estava ainda mais ausente. Quem poderia ser? A campanha tocou novamente. Já vai.

Quando abriu a porta, reconheceu seu amor do passado, um rapaz que namorou antes de Elivelton, mas que havia ido embora do Brasil desde então. Seria um sinal? Estava em seu período fértil.

Surpresa com o encontro, Joelma, por impulso, abraçou-o, como se fosse ele a resposta para suas inquietações. Logo ele completou: "Joelma, quanto tempo! Meu voo será daqui a algumas horas..".

Joelma interrompeu-o com um beijo e completou: "Tudo bem, entre, meu marido deve estar no culto!".



Rayssa Duarte Marques Cabral

Licenciada em Letras - Língua e Literaturas de Língua Inglesa pela UFMT; mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT; doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela UNEMAT; professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino.

rayssadmcabral@hotmail.com



A Autoria Feminina nas Coletâneas Literárias: Vivências-Sonhos Metaforizados em Poesia

CORTEZÃO, Marta; CACAU, Patrícia (Org.). **I Tomo das bruxas: Do Ventre a Vida**. Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2022.

O livro **I Tomo das Bruxas: Do ventre à vida**, organizado por Marta Cortezão e Patrícia Cacau é composto por três partes que relacionam as três condições necessárias para a liberdade: Meu corpo, minhas normas, meu templo sagrado; Dos Silêncios que ardem no fogo das injustiças e dos Prodígios da Palavra; Da chama Poética que abrasa o ventre Divino das Bruxas.

Ao percorrer a primeira parte da obra o leitor poderá encontrar diversos eus-poemáticos que se embrenham na perspectiva histórica sobre o lugar que a mulher ocupou/ocupa ao longo da história da humanidade, principalmente as mulheres que ousaram sonhar, pensar e acima de tudo assumiram a autonomia dos seus corpos e de suas vozes “negra índia branca amarela/sou mulher!/[...] não me julgue pelo que vê/ou pelo que tenho na bolsa/respeite minha identidade biológica ou social/esse lugar é meu e dele não abro mão!” (CACAU; CORTEZÃO, 2022, p.43).

O encadeamento dos poemas que compõem a segunda parte da obra permitirá o vislumbre da escrita feminina num olhar que transcende, - as obrigações impostas socialmente à mulher - e alcança a magnitude da alma humana, em um envolvente jogo de palavras em que o fazer poético e o existir se metaforizam “[...] Quando eu começar a escrever,/ a mulher que, até um dia,/ pelas janelas olhava,/ abrirá as portas que nunca/lhes deveriam ter sido fechadas,/ E será, na vida, tudo aquilo/ que um dia havia desejado.” (CACAU; CORTEZÃO, 2022, p. 105).

A última parte do livro finaliza a grande roda, onde cada uma e todas têm o seu lugar, onde os corpos bailam aquecidos em volta da fogueira que elas acenderam para clarear os caminhos e as noites escuras, nos gritos eufóricos por liberdade de expressão,

elas se fortalecem na compreensão de que as bruxas nunca andam sós, mas são povoadas por muitas, com diversas paragens, espaços em que a escrita é a única e a necessária poção “[...] é tempo de origens/ e coreográficas travessias/ despojadas da carne/expõe-se às fibras/e a nada mais” (CACAU; CORTEZÃO, 2022, p. 192).

Destacamos a escrita da poeta, professora, doutora, crítica literária e pesquisadora Elizabete de Nascimento, que nessa coletânea nos agracia com dois poemas intitulados: *Promessas do meu Patoá* e *Essa miserável*, uma dobradinha perfeita, que repercute dois pontos essenciais na produção dessa obra de forma geral. No primeiro poema, compreendemos que a vida e a poesia são metaforizados pelo próprio sangue a correr na veia: “[...] Sangue, música torrencial dessa vida dissoluta, minha essência./Você! Ah, você!/?/Você é minha melhor poesia,/ é quem sustenta as missivas da minha biografia”. (CACAU; CORTEZÃO, 2022, p. 132). O segundo reúne a força de todas as escritoras que se lançam à escrita, e que em suas condições de poetisas anseiam pelo reencantamento do mundo: “[...] Essa miserável, que dá boca e orelha ao papel, que torna público o impúblicável/ Ah! Essa miserável, a poeta, ainda tiro-a do anonimato e entrego-a à força” (CACAU; CORTEZÃO, 2022, p. 133).

Que esse meu eco de leitura, Jocineide Catarina Maciel de Souza, encontre com os ecos de outros leitores e promovam um alarde literário a fim de fortalecer, ainda mais, a escrita feminina contemporânea. Deixo o link para quem desejar se aventurar nessa deliciosa leitura:

<https://drive.google.com/file/d/1EwAn1j2g-DbMcGDL4C2sfwiMnMvaBRus/view>



Jocineide Catarina Maciel de Souza

Quilombola Pita Canudos, é graduada em Letras, Mestranda em Estudos Literários pela UNEMAT e Doutoranda no PPGEL da UNEMAT. Professora de língua portuguesa, atuando como formadora na DRE em Cáceres/MT. Bolsista do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Amazônia Legal. É membra fundadora (2017) do Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres/MT.

jocineide.souza@unemat.br

Myrian Fraga e a Rainha Vasthi

Pesquisei em antigos arquivos a correspondência que recebi da poeta, jornalista e escritora, Myrian Fraga (1937-2016). Encontro, finalmente, com emoção, um belo cartão da Fundação Casa de Jorge Amado, da qual ela foi a primeira diretora, cargo que exerceu por trinta anos; mensagens de recebimento de livros e seu desejo expresso de que minha missão corajosa de semear poesia às novas gerações se cumprisse com sucesso. Observo as datas da década de noventa. Quantos anos se passaram até que eu tivesse a oportunidade de conhecer a Fundação Casa de Jorge Amado, um casarão histórico, no centro do impactante Pelourinho, em Salvador, com a tarefa de falar sobre Myrian. Ela que tão bem tratou das questões sociais do Nordeste; das representações da Bahia, pois “o mar sempre foi sua rota e naufrágio”. Ela que soube ressignificar figuras da mitologia construindo o feminino com força e delicadeza ao mesmo tempo.

Relembremos a amizade de Myrian com o casal Zélia Gattai e Jorge Amado. Um convívio feliz, de admiração mútua. Foi Jorge quem apresentou Myrian a Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo. Jorge relatou em seu livro *Navegação de Cabotagem* que era leitor cativo de Myrian, que constatara através dos poemas de **Os Deuses Lares**, ilustrado por Calazans, “a densidade dramática, a sabedoria da palavra precisa e mágica” da guerreira Myrian Fraga. Era um reconhecimento do esforço dela na

luta para levar avante a cultura, criando condições para a literatura e a arte na Bahia.

Da extensa e rica obra de Myrian, destacamos o seu último livro em vida: **Rainha Vasthi**. Myrian saiu do hospital, onde se tratava de leucemia, produzida e elegante, para o lançamento. Um livro concebido e burilado por vinte anos, publicado pela A Roda Edições, companhia de teatro de bonecos. Apresenta uma peça de teatro em versos, uma fábula sobre o poder. Da passagem bíblica do Livro de Ester (19:9-24, 17), Myrian pinça um pequeno trecho, uma menção à rainha Vasthi, palavra que significa “mulher bonita”, em hebraico. Vasthi, a bela rainha que desafiou seu marido bêbado, o rei Ashuero ou Xerxes. Vasthi, a joia mais preciosa do império persa, a senhora do seu destino, a rainha das palavras degoladas. Myrian desenvolve seu poema dentro desse recorte. Conta que no terceiro ano do governo de Ashuero, após a derrota pelos gregos na batalha de Salamina, para sufocar a revolta, o rei deu uma festa que durou vários dias em Susa, a capital do império. O vinho corria livre. Ashuero, alterado, ordena que sete eunucos tragam a rainha para que todos vissem sua formosura. A rainha se recusa a dançar e se exibir perante aqueles olhares cúpidos. O rei se enche de fúria. O conselheiro diz que a rainha ofendeu ao rei e aos súditos. Que as mulheres todas poderiam seguir o seu exemplo. Vasthi é banida do reino.

A erudita Myrian Fraga concebe uma tragédia nos moldes do antigo teatro grego. Um núcleo de personagens com diferentes máscaras - o Corifeu, diretor dos coros; Vasthi; Ashuero; uma Figura (profeta/bufão); os sete magos; o coro dos sátrapas, governadores das províncias; o

coro das concubinas; o coro dos escravos e a Escrava. Os cenários passam do geral, a sala do trono, para o harém, o serralho, o reduto das mulheres e para os aposentos da rainha, onde se dão as pelejas verbais, onde vêm à tona os desejos fugidios e a contagiante rebeldia de Vasthi que brada: “Sei dos muros- simetria, Sei das pulseiras- algemas, Sei das promessas- mentiras”, “Sou rainha ou sou escrava?” Vasthi nega-se assim a ser cúmplice de uma farsa, de um trono falido, de um reino podre. Flor despetalada, cumpre sua sina: “Para mim haverá o rumo certo, Os passos com que meço meu destino”. Ashuero se desespera: “Uma mulher que recuse obediência é um inimigo vivendo em nossa casa, um traidor comendo em nossa mesa, uma serpente dormindo em nossa cama.” O epílogo, na voz do coro das concubinas, é sublime: “Um pássaro noturno bate as asas e estraçalha com o bico e com as garras os olhos espantados das estátuas.”

O texto foi ilustrado por Olga Gómez. São desenhos eróticos a carvão, fortes e estranhos, que reproduzem leões, elefantes, carruagens, mulheres com seios nus, braceletes e homens angustiados, lançando luzes estranhas sobre a história de Vasthi, “a gazela encantada, coroada de estrelas, perfumada de jasmims e alfazemas.”

Quanta voltagem lírica, quanta lucidez lancinante nessa peça encenada a cada verso em nossa imaginação. Com a Rainha Vasthi, Myrian Fraga desperta séculos de esfinges que dormem no sangue de todas as mulheres.

Crônica publicada no *Blog do Alex Fraga*. Link de acesso: [Artigo - Myrian Fraga e a Rainha Vasthi, por Raquel Naveira \(blogdoalexfraga.com.br\)](https://blogdoalexfraga.com.br/artigo-myrian-fraga-e-a-rainha-vasthi-por-raquel-naveira)



Raquel Naveira

Raquel é formada em Direito e em Letras pela UCDB. Mestre em Comunicação e Letras. Doutora em Língua e Literatura Francesas. Publicou mais de trinta livros. O mais recente é o livro de crônicas poéticas **Leque Aberto**. Escreve para várias revistas e jornais. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, à Academia Cristã de Letras de São Paulo, à Academia de Ciências e Letras de Lisboa e ao PEN Clube do Brasil.

raquelnaveira@gmail.com

O Pessoal e o Coletivo em “A gorda”, de Isabela Figueiredo

O livro de Isabela Figueiredo, escritora portuguesa contemporânea, foi publicado em 2016 e nele há uma história pessoal, de Maria Luísa, e uma história coletiva, dos retornados¹ e ambas estão conectadas. **A gorda** é considerado um Romance de Retornados, pois retrata esse acontecimento histórico paralelamente ao drama pessoal vivido por Maria Luísa, protagonista do romance. É também um romance de autoficção por atender às características do pacto oximórico apontadas por Ana Faedrich no texto **O conceito de**

autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea.

Possui 208 páginas, uma epígrafe sonora, citando 21 músicas de cantores e bandas de países diferentes. Nota-se que os personagens de algumas músicas se confundem com a própria personagens do romance. A epígrafe é uma espécie de trilha sonora de Maria Luísa, das pessoas que ela representa, e faz parte da engenharia de escrita do romance.

[1] A 79ª Edição do **Suplemento Literário Nódoa no Brim** traz o artigo *A ponte aérea dos “retornados”: contornos de figurativização e ambivalência na obra “Os retornados – um amor nunca se esquece”, de Júlio Magalhães*, escrito por Altair Sofientini Ciecowski e que pode ser um complemento para esta leitura.

Claudia Zortea

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT, onde desenvolve pesquisa sobre as relações entre literatura e imprensa. Organizou em 2022 o livro **Alvorada em Versos**. Atualmente é professor vinculada à SEDUC-MT.

claudia.zortea@unemat.br



uma casa, um país: A Gorda, de Isabela Figueiredo, Bruno Mazolini de Barros mapeia o romance estabelecendo a relação com as partes da casa.

O quarto de solteira representa a solidão sem solução de Maria Luísa, que vivia uma história de amor sem desfecho agradável com David. É o quarto da sozinhas.

A sala de estar, espaço mais coletivo da casa mostra a relação difícil da protagonista com os pais após a chegada deste de Moçambique.

Quartos dos papas mostra os conflitos entre os pais que, segundo ela, casaram-se sem amor. Neste espaço da narrativa Maria Luísa reflete sobre amor, casamento, traição. Revela a figura

ambígua do pai que era amoroso com os filhos, mas traía a mãe e dava pontapés pedagógicos na pretaiada (o colonizador poderoso). Esse pai acaba por ter o corpo degradado, se torna decadente, mas não perde a arrogância, morre como colonizador.

Há uma relação da protagonista com as partes da casa; corpo e cômodos, cômodos e vivências.

Cozinha: lugar de interação feminina, onde se engorda ou emagrece. Revela a luta de Luísa com a própria fome. Ela relata os dias fazendo marmelada com a mãe e com a prima, do quanto gosta de comer e da dificuldade de disciplinar essa vontade. Fala sobre a rejeição de David por ela ser gorda, não por ele, mas pelos colegas que caçoavam dele e das pessoas que falavam que ela era gorda. As roupas que deixavam de servir também são assunto desse capítulo. É nesse espaço que a protagonista toma a decisão de fazer a cirurgia para emagrecer.

Sala de jantar: adoecimento e morte da mãe. Este é o lugar onde se fala sobre o escurecimento, morte da mãe, sobre os cachorros de rua. Tony, uma amiga (ami-

Narrado em primeira pessoa, o romance permite-nos permear o universo subjetivo e confessional de Maria Luísa, mulher jovem, que nasceu em Maputo e teve que retornar a Portugal no âmbito da descolonização de Moçambique. A personagem fala das suas angústias, fazendo um exercício de memória. A narradora narra fatos passados e as cenas são fragmentadas no tempo, de modo que o leitor ora ou outra se perde no decorrer da leitura.

A fragmentação é uma característica do romance contemporâneo, é o fluxo da consciência, como se o escritor soltasse as rédeas da narrativa.

O texto é organizado em capítulos que remetem a partes da casa: "Porta de entrada"; "Quarto de solteira"; "Sala de estar"; "Quarto dos papás"; "Cozinha"; "Sala de jantar"; "Casa de banho"; "Hall", todos introduzidos por didascálias, próprio do texto dramático, informando o leitor so-

bre o espaço em **A gorda**. Não se trata de um texto de dramaturgia, mas há nele uma performance dramática. Há uma relação da protagonista com as partes da casa; corpo e cômodos, cômodos e vivências. O leitor vai caminhando na vida de Maria Luísa como se tivesse andando num espaço. Esse romance trabalha com a categoria do espaço (espaço físico e toda expansão simbólica desse lugar). A casa, o país o corpo. Na resenha **Uma mulher**,

zade abusiva) da escola, tenta reencontrá-la, mas Luísa nega. A mãe é controladora, não quer que ela se case e tenha filhos, abusa de Luísa com excesso de pedidos de cuidado. Portanto, a morte da mãe é uma grande libertação. Depois da morte da mãe, Luísa coloca todos os móveis dos pais na sala de jantar e os doa a amigos, de modo que em toda a metrópole haja móveis deles.

Casa de banho: Aborda a intimidade do corpo, da vergonha de tomar banho na frente das colegas do colégio interno: “Engendro formas de me lavar sem expor o corpo: encho uma bacia de plástico com água fria e escondo-me no compartimento da retrete, onde me lavo como posso” (FIGUEIREDO, 2018, p. 157) É um momento bastante tenso quando a narradora conta sobre as tentativas de engravidar e dos abortos que vivenciou. Ela também revela como achava os seios de sua mãe bonitos e ternos, mas proibidos para ela, pois a mãe não permitia demonstração e de afeto pelo corpo, mas, ao final da vida, a mãe precisou mostrar seu corpo a outros, quando estava acamada. Neste capítulo, Luísa tem o corpo violado. David e Luísa brigam e no meio da discussão ele a estupra.

Estamos nessa luta quando compreendo que tenho de desistir. Melhor deixa-lo fazer o que quer. Deseja o meu desprezível corpo que o envergonha? Use-o, então, e ponha-se a andar. Rendo-me fisicamente, deixando-me ficar estendida e sem reação, imóvel, inerte no chão da casa de banho, tolerando que coma a minha carne com a fome que o assola. Desembainha o pênis, mete-o dentro

de mim e fornica sozinho (FIGUEIREDO, 2018, p. 169)

A narradora gosta dele, mas não quer transar com ele naquele momento. Ela resiste até um momento, mas depois perde as forças físicas. A narradora é tomada por um profundo sentimento de tristeza e passa um longo tempo sem ver David. Anos depois eles se reencontram e David a rejeita.

No texto **O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea**, de Ana Fedrich, a autora vai esclarecer alguns

enganos feitos em torno do conceito de autoficção, autobiografia e romance autobiográfico. Para definir o autoficcional, ela apresenta cinco argumentos e características desse gênero. Primeiro: na autoficção se estabelece com o leitor um pacto oximórico, que se caracteriza pela contradição ao romper com o compromisso com a verdade e não estabelecer integralmente um pacto ficcional, como

se faz com o romance ficcional. Segundo: o romance autoficcional institui um princípio de ambiguidade que é uma intenção deliberada do autor, que abole os limites entre real e ficcional na intenção de confundir o leitor. A ambiguidade se situa na identidade onomástica entre autor, narrador e protagonista, como acontece na obra **A gorda**. Terceiro: a autoficção é a escrita de; escrever sobre si, necessariamente, escrevemos sobre o outro, o que leva o escritor, muitas vezes, a enfrentar dilemas éticos e morais. No livro **A gorda**, por exemplo, Isabela Figueiredo revela a realidade sobre a figura paterna. No entanto, não podemos afirmar que não se trata de ficção, pois há um pacto oximó-

Deseja o meu desprezível corpo que o envergonha? Use-o, então, e ponha-se a andar.

rico, é uma questão ambígua e contraditória. Quarto: o gênero de autoficção, diferentemente da autobiografia, apresenta uma preocupação e rebuscamento no trato com a construção linguística como uma característica própria do fazer literário. Há também uma busca por maneiras criativas e originais de se (auto) expressar. Quinto: há uma associação entre a autoficção e a escrita terapêutica, no entanto, a escrita do eu de forma terapêutica não é uma condição da autoficção, podendo haver romances de autoficção que não utilizam a escrita de forma terapêutica.

Existe por parte da narradora uma consciência histórica: há uma articulação entre o pessoal e a história; não é a história dela, mas dos 500 mil retornados. O romance articula a história pessoal e coletiva no sentido de retratar os grandes acontecimentos históricos e vinculá-los a acontecimentos pessoais dos personagens.

O entrelugar é característico nesse romance, a mãe é a grande representação desse interstício; viveu em Moçambique, lá tinha uma vida melhor do que a vida que passou a ter em Portugal ao retornar. Há um sentimento, principalmente na mãe, de mágoa por ter retornado, e esse

sentimento não reside apenas na ficção, ele é real, é um efeito colateral do retorno que a população de Portugal, habitante da colônia, teve que fazer.

No texto **O “romance português de retornados” – a viagem de retorno ao império colonial português**, Tânia Macedo aborda esse fenômeno que é a escrita sobre o retorno dos portugueses que viviam na colônia e voltaram a Portugal. Existe um fenômeno na literatura contemporânea em Portugal. Lobo Antunes percebeu de primeiro esse fenômeno. As pessoas começaram a retornar em 1975 – de modo que não há como pensar o romance dos retornados sem pensar a Revolução dos Cravos, mas apenas em 2000 começou-se a falar sobre o retorno. As memórias já tinham decantado; os romances de retornados são elaborados a partir de memórias ruminadas, reconstituídas.

Os retornados ocupavam o entrelugar, pois em África não eram bem vistos por causa da exploração, em Portugal foram mal recebidas porque não pertenciam necessariamente àquele lugar, vieram para ocupar um lugar que não era seu. Então, quem eram esses retornados? O romance de Retornados vai tratar disso ora de modo mais simplista, sem a reflexão ne-





cessária, ora de forma mais crítica.

Podemos, então, ler o romance **A gorda** de duas maneiras: há uma história pessoal (Luísa como A gorda) e a coletiva (os retornados), mas elas se atravessam. Nesse viés do pessoal, que não é tão pessoal, pois o sofrimento de Luísa é um problema social, a autora trabalha um campo vasto da estereotipia feminina: branca, gorda, gosta de sexo, inteligente.

As imagens que a narrativa suscita, a mulher gorda fazendo e gostando de sexo, não tem referenciais em outra obra literária. Isabela Figueiredo se destaca ao falar sobre sexualidade (as mulheres são castradas para falar do sexo). Ela defende que as mulheres não podem ter vergonha de falar sobre esse assunto e essa liberdade é expressa na linguagem com naturalidade ao abordar a sexualidade usando palavras cruas: “foder”, “trepar”. A obra questiona o padrão corporal e a complexidade da construção do ser.

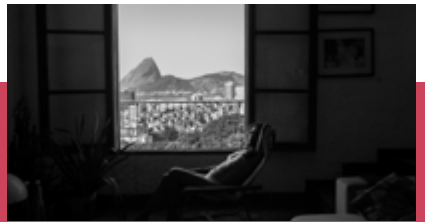
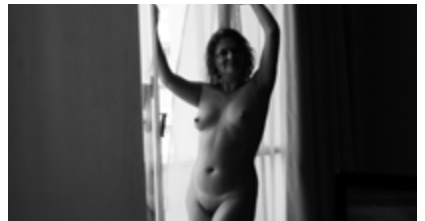
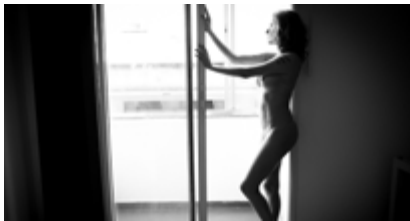
Referências

BARROS, Bruno Mazolini de. (2018) Uma mulher, uma casa um país: *A Gorda*, de Isabela Figueiredo. *Via Atlântica*, (33), 437-443. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i33.131916> . Acesso em 18 de outubro de 2020.

FAEDRICH, Ana. **O conceito de autoficção:** demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/8165/5547> . Acesso em 16 de outubro de 2020.

FIGUEIREDO, Isabela. **A gorda**. São Paulo: Todavia, 2018.

MACEDO, Tânia. O “Romance português de Retornados” – A viagem de retorno ao Império Colonial Português. **Revista Mulemba**. [Online], Volume 12 Número 22 (2 dezembro 2020) doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2020.v12n22a39819>



Artista Visual Homenageada

Silvana Garzaro é natural de Santo André, São Paulo, e fotografa profissionalmente desde os anos 1990, com passagem pelos principais veículos do país como revista Caras, IstoÉ Gente, Época, Veja São Paulo e o jornal O Estado de São Paulo, com destaque para matérias internacionais em Portugal e Uruguai. Um dos trabalhos pessoais da fotógrafa, 'Todos Verão' (2012 a 2014), foi capa da revista São Paulo, do jornal 'Folha de São Paulo', com reportagens também em sites como o Catraca Livre. Na época, com a seca no Sudeste do Brasil, Silvana transformou o ensaio em lambe-lambe - como uma forma de campanha pelo uso consciente da água - e ganhou espaço na porta do 'The Andy Warhol Museum', em

Pittsburgh, Estados Unidos. Em 2018, as imagens fizeram parte da exposição 'Water is Life', na The Growlery, em San Francisco, Califórnia. Silvana Garzaro participou da exposição O.X.E.S. da artista Adriana Bertini, fotografando, em 2019, a série 'Brincadeiras com a Minha Filha', um manifesto artístico, referência internacional em HIV e AIDS, com participação da médica e artista visual Fabiana Gabaskallás e curadoria de Lucrécia Couso, no espaço Oficina, São Paulo. Ainda em 2019, integrou a Exposição Fotográfica 'APOLÔNIAS DO BEM': o antes e depois de 20 mulheres vítimas de violência, contado através do olhar de 20 fotógrafas, na Bienal São Paulo.

Email: silvana.garzaro@gmail.com

Instagram: [@silvanagarzaro_foto](https://www.instagram.com/silvanagarzaro_foto)

[@projetocampodeflores](https://www.instagram.com/projetocampodeflores)

Realização



UNEMAT